

# **TEXTOS CLÁSICOS . . . . .**

# TEXTOS CLÁSSICOS

## A DIREÇÃO DE PESQUISA FENOMENOLÓGICA NA PSICOPATOLOGIA<sup>1</sup>

Karl Jaspers  
(1912)

É usual, na investigação de doentes mentais, diferenciar entre sintomas objetivos e subjetivos. Sintomas *objetivos* são todos os processos que comparecem na manifestação de modo *sensorialmente perceptível*: reflexos, movimentos registráveis, o rosto fotografável, excitações motoras, expressões linguísticas, produtos escritos, ações, conduta de vida, etc.; além disso, pertencem aos sintomas objetivos todas as *atividades mensuráveis*, como capacidade de trabalho, capacidade de exercício, atividades mnemônicas etc. Finalmente, também se costuma contar entre os sintomas objetivos, as ideias da demência, os falseamentos da recordação e coisas do tipo, em uma palavra, os *conteúdos racionais* de produtos linguísticos, que nós, na verdade, não percebemos sensorialmente, mas só podemos compreender; que nós, entretanto, compreendemos simplesmente através do *pensar*, isto é, racionalmente, sem recorrer à ajuda de qualquer transferência interior para dentro do anímico<sup>2</sup>.

Enquanto todos os sintomas objetivos podem ser imediatamente demonstrados e de modo convincente apresentados em sua ocorrência real a todo aquele que tenha a capacidade para a percepção sensorial e para o pensamento lógico, os sintomas *subjetivos*, caso queiram ser apreendidos, não podem prescindir de algo que, em oposição ao perceber sensorial e ao pensar lógico se costuma chamar, justamente, de subjetivo: eles não podem ser vistos com os órgãos sensoriais, mas só são apreendidos através de um transferir-se à alma do outro, através da empatia; eles só podem ser trazidos à intuição interior através do *vivenciar-com*, não através do *pensar*. Sintomas subjetivos são todos os movimentos do ânimo e os processos interiores, que nós intencionamos *apreender imediatamente* na manifestação sensorial, que, deste modo, se torna “*expressão*”, como o medo, a tristeza, a jovialidade. Sintomas subjetivos são, além disso, todas as vivências anímicas e os fenômenos, que os doentes

*descrevem* e que através do seu *juízo* e de sua apresentação se nos tornam acessíveis apenas de modo *mediato*. Finalmente são sintomas subjetivos os processos anímicos, que são deduzidos e *interpretados* a partir de fragmentos de ambos os dados precedentes, a partir de ações, de conduta de vida etc.

Com a diferença entre sintomas objetivos e subjetivos costuma-se, quase sempre, de modo bastante decidido, unir uma oposição valorativa. Sintomas objetivos são os únicos seguros, só eles prestam para alguma coisa, do ponto de vista científico, enquanto sintomas subjetivos, na verdade, ainda que de muitos modos não devem bem ser dispensados para a orientação provisória, porém, são tidos como eminentemente inseguros em sua verificação e como infrutuosos em relação às ulteriores investigações científicas. Persiste a exigência de se construir a doutrina das doenças mentais somente em cima dos sintomas objetivos, e o ideal de eliminar plenamente todos os sintomas subjetivos. É a concepção, que tanto na psicologia quanto na psiquiatria encontra seus representantes mais ou menos consequentes. Contrapõe-se uma *psicologia objetiva a uma psicologia subjetiva*. A primeira quer trabalhar apenas com dados objetivos e conduz em sua consequência a uma *psicologia sem o anímico*; a última, que, de resto, costuma nunca desconhecer o valor diferente da primeira, se atém à auto-observação, à análise subjetiva, à verificação dos modos de existir do anímico, da singularidade dos fenômenos, e dá valor a tais investigações mesmo no caso de elas serem feitas sem todo ponto de apoio objetivo. Exemplos de psicologia objetiva são os amplos capítulos da doutrina da percepção sensorial, das mensurações da memória e a investigação da curva de trabalho com os seus componentes. Nós tomamos esta última como exemplo, para com isso nos tornarmos conscientes de que estas investigações de maneira metódica conduzem a uma eliminação do anímico. O que é investigado não são *sentimentos* de cansaço (fadiga), mas cansaço *objetivo*. Todos os conceitos, como fadigamento, restabelecimento, capacidade de exercício, firmeza no exercício, efeito da pausa, e assim por diante, referem-se a atividades objetivamente mensuráveis, em que é totalmente indiferente se se trata de uma máquina ou, respectivamente,

<sup>1</sup> Título original: “Die phänomenologische Forschungsrichtung in der Psycho-pathologie”. Originalmente publicado no *Zeitschrift für die Gesamte Neurologie und Psychiatrie*, em 1912.

<sup>2</sup> Derivado de *anima*, um dos conceitos gregos para “alma” (como princípio da vida); *anímico* é relativo à alma, ao humano, podendo ser entendido como o “espiritual” ou o “psíquico” (Nota do Editor).

te, de um organismo vivo sem alma, ou de um homem dotado de alma. Entretanto, tais investigações objetivas costumam recorrer então, de maneira secundária, – naturalmente com todo o direito – a fenômenos anímicos subjetivos em vista da interpretação ou de comparação com as atividades objetivas. Então é usada a psicologia subjetiva, da qual se deve falar neste ensaio. Agora, não há nenhuma dúvida de que a psicologia objetiva produz resultados mais tangíveis, mais seguros, mais fáceis de ser apreendidos por todo o mundo, do que a subjetiva. Embora a diferença em relação ao *nível* da segurança seja gradual, em relação ao *tipo* de segurança, entretanto, é, por princípio, heterogênea. A psicologia subjetiva, pois, conduz sempre para um preenchimento último dos conceitos e intenções na presentificação interior e intuição do anímico, enquanto aquela psicologia objetiva tem seus últimos preenchimentos nas percepções sensoriais, que não podem ser contestadas por ninguém, em números, curvas ou conteúdos racionais.

O que quer então a muito ultrajada *psicologia subjetiva*? Enquanto a psicologia objetiva quase se torna ou se torna totalmente fisiologia, através da maior eliminação possível do anímico, a psicologia subjetiva quer justamente guardar a vida da alma mesma para objeto. Ela se pergunta – dito de modo bem geral – de que é dependente o *vivenciar anímico*, que tipo de consequências ele tem, que tipo de conexões não de ser apreendidas nele. Respostas para tais perguntas são as suas metas próprias de conhecimento. Entretanto, em toda pergunta específica ela se vê posta diante da necessidade de ser clara para si mesma e fazer claro para os outros, que *determinado* vivenciar anímico ela intenciona exatamente. Pois ela se vê em face a uma imensa variedade de fenômenos anímicos, que ela não pode investigar de todo, mas dos quais ela pode investigar particulares. Antes, portanto, dela pôr mãos à sua própria obra, ela tem que se presentificar e esclarecer, que fenômenos anímicos ela intenciona, com quais fenômenos estes não podem ser confundidos, com quais fenômenos eles têm semelhança, etc. À medida que este trabalho preliminar de presentificação, de delimitação esclarecedora e de ordenação nítida dos fenômenos anímicos é empreendido de maneira *autônoma*, surge a *fenomenologia*. O fato de que este trabalho preliminar provisoriamente se torne um fim em si mesmo, baseia-se no fato de que ele é difícil e abrangente. Enquanto não se empreender esta investigação autônoma, metódica, o trabalho fenomenológico preliminar permanece sempre restrito a ponderações sem nexos, acidentais, justificadas “ad hoc”, nas quais, em verdade, se há de descobrir muitos bons princípios, junto das quais, no entanto, a pesquisa não poderia permanecer parada.

No interior da pesquisa fenomenológica *Edmund Husserl* deu o passo decisivo para a fenomenologia metódica, depois que esta lhe fora trabalhada previamente através de *Brentano* e sua escola e de *Theodore Lipps*. Em prol da psicopatologia, há uma série de princípios para

uma fenomenologia<sup>3</sup>, mas ela ainda não se tornou uma direção de pesquisa geralmente reconhecida, que efetua o trabalho preliminar metódico em prol das tarefas da própria psicopatologia. Uma vez que aqui jazem realmente muitas tarefas fecundas, nas quais cada um pode colaborar, parece-nos oportuna uma exposição programática do escopo e do método.

Na *viver cotidiano* ninguém pensa em fenômenos anímicos isolados de si mesmo ou de outros. Nós somos direcionados interiormente sempre para aquilo *por causa do que* nós vivenciamos, não para os nossos processos anímicos no vivenciar. Nós compreendemos os outros não através de observação e análise da vida anímica, mas à medida que nós vivemos com eles no contexto dos eventos, destinos e ações. E caso nós uma vez realmente observemos as vivências anímicas mesmas, costumamos então fazê-lo sempre somente no *contexto* das ocasiões e das consequências por nós compreendidas, ou nós costumamos classificar personalidades em categorias caracterológicas. Nós nunca temos a oportunidade de observar isoladamente fenômenos anímicos, uma percepção por si mesma, um sentimento, e de descrevê-los em sua manifestação, em seu modo de ocorrer, em sua datidade. *Do mesmo modo* pode o psiquiatra se comportar em face a um doente. Ele pode vivenciar junto, sempre na medida em que tal coisa imediatamente acontece, sem que uma reflexão seja necessária; ele pode, nisso, obter uma compreensão totalmente pessoal, não formalizável e imediata, que, entretanto, permanece também para ele mesmo um puro vivenciar, que não se torna um conhecimento consciente. Ele ganha provavelmente exercício no compreender, mas não obtém nenhuma recolha de experiências conscientes, que ele possa comparar de modo mais claro do que em impressões vagas e “sentimentos”, que ele ordene, fixe, ponha à prova.

A atitude no simples compreender vivenciando junto<sup>4</sup>, que pode ser enormemente satisfatória para a personalidade individual, sim, cada vez segundo a fixação do último objetivo de toda a profissão, é agora, no entanto, especialmente subjetiva. E se, a partir de tal compreender global, sem ulterior recondução, *sem conceitos firmes regulares*, são dadas *afirmações individuais* ou formulações, então a estas deve ser dada, no entanto, a denominação de “*somente*” *subjetivas*, em sentido pejorativo. Pois elas são não discutíveis e não revisáveis. Ainda que, daí, possamos apreciar de modo bastante elevado este compreen-

<sup>3</sup> O livro de Kandinsky, *Kritische und klinische Betrachtungen im Gebiete der Sinnestäuschungen*, Berlin 1885, é quase todo fenomenológico, exceto, sem prejuízo para o livro, as muito descuidadas notas teóricas. Oesterreich, *Die Phänomenologie des Ich in ihren Grundproblemen*, Leipzig 1910, e Hacker, *Systematische Traumbeobachtungen*, Arch. F. Psych. 21, 1, 1911, empreendem fenomenologia metódica de tais manifestações, que são especialmente importantes para psicopatologia. Em dois trabalhos (*Zur Analyse der Trugwahrnehmungen*, nesta revista, 6, 460, e: *Die Trugwahrnehmungen*, Ref. parte desta revista, 4, 289) eu me empenhei na mesma direção.

<sup>4</sup> Compreender vivenciando junto refere-se, aqui, à compreensão empática.

der, por causa dos talentos que nele se mostram humanamente preciosos, nunca, entretanto, podemos chamar este compreender de ciência, nem o compreender que se passa em forma sublimada, como ele é exercitado desde séculos entre homens de círculos cultos, nem o mergulhar desprovido de conceito do psiquiatra que sente junto.

Caso, ao contrário, se queira desenvolver ainda uma *ciência psicológica*, então ela de antemão tem que ter claro para si, que ela, embora como ideal, elabora o compreender do anímico apresentável em formas sólidas, tornadas plenamente conscientes, que ela alcança aquela atitude descrita há pouco, inconsciente, vaga, somente pessoal e subjetiva, junto a homens talentosos para tal; ela tem que se ter claro, que ela, porém, nem de longe pode corresponder a este ideal, que ela está enredada em começos, que, embora lhe abram perspectivas, no entanto tal ideal reside para ela na infinitude. Por conseguinte, ocorre que muitos somente exercitam seu compreender pessoal para sua própria satisfação, e, do ponto de vista de sua penetração abrangente, mesmo se vaga, riem das tentativas de fixação psicológica consciente de conceitos como inócuas superficialidades e trivialidades<sup>5</sup>. Uma vez que, nas fixações psicológicas conscientes, o que está em jogo é somente o saber, se dá a estas, do ponto de vista científico – mas também somente deste ponto de vista, o valor exclusivo.

Ora, esta atitude, que não quer permanecer no *vivenciar* compreensivo, mas que quer chegar a um saber comunicável, reexaminável e discutível, vê diante de si uma infinidade de fenômenos anímicos altamente variáveis, nos quais, entretanto, reinam conexões ainda totalmente não claras, que ainda têm por ser encontradas suas dependências e conseqüências. O primeiro passo para o apreender científico – isto, porém, tem que ser indubitável – é aqui um selecionar, delimitar, diferenciar e descrever de *determinados* fenômenos anímicos, que através disso podem ser *claramente presentificados* e denominados regularmente com uma *expressão determinada*. A presentificação daquilo que realmente sucede no doente, daquilo que ele propriamente vivencia, como algo lhe é dado na consciência, como se lhe faz sentir, etc., é o começo, no qual, de início, se há de prescindir de conexões, de vivências como um todo, mais do que nunca, de coisas pensadas a mais, de coisas pensadas como estando à base, de representações teóricas. Só o realmente ocorrente na consciência deve ser presentificado, tudo o que não está dado realmente na consciência não existe. Nós devemos deixar de lado todas as teorias tradicionais, todas as construções psicológicas ou mitologias materialistas sobre processos cerebrais, nós precisamos nos voltar puramente àquilo que nós compreendemos, apreen-

<sup>5</sup> Não se há de negar que psicólogos em grande quantidade cometem trivialidades. Tampouco se há de negar que muitas vezes se estabelece uma pseudopsicologia em lugar de uma ciência fundamentada em uma fenomenologia metódica. O conteúdo daquela compreensão pessoal e, do ponto de vista da comunicabilidade, vaga, é simplesmente apresentado em expressões eruditas *igualmente pouco precisas*, ao invés de em alemão racional.

demos, diferenciamos e descrevemos em seu existir real. Isso, como a experiência ensina, é uma tarefa bem difícil. Esta peculiar ausência de prejulgamento fenomenológica não é posse originária, mas aquisição penosa depois de um longo trabalho crítico e, frequentemente, de esforços frustrados em construções e mitologias. Assim como nós, enquanto crianças, primeiramente desenhemos as coisas não como nós as vemos, mas como nós as pensamos, do mesmo modo nós, enquanto psicólogos e especialistas em psicopatologia, passamos por uma fase, em que nós de alguma maneira *pensamos* o psíquico, para chegar à apreensão imediata sem prejulgamento do psíquico, *como ele é*. E é uma fadiga sempre nova e um bem a se adquirir sempre de novo através da superação dos prejulgamentos: esta atitude fenomenológica.

*Ora, como nós fazemos isso, se isolamos, caracterizamos e fixamos conceitualmente fenômenos anímicos?* Nós não podemos reproduzir fenômenos anímicos, não os podemos por diante dos olhos através de algo perceptível sensorialmente. Nós podemos somente nos dirigir de todos os lados a nós mesmos e aos outros, presentificar o que há de determinado aí. A gênese, as condições e constelações, sob as quais este fenômeno aparece, os contextos nos quais ele costuma estar, os conteúdos objetivos que ele talvez tenha; além disso, comparações intuitivas e simbolizações, uma espécie de condução sugestiva, alcançada de modo o mais penetrante por artistas, indicação de fenômenos já anteriormente conhecidos, que desempenham um papel como elementos do presentificar etc., devem conduzir de fora para o fenômeno anímico propriamente intencionado. Há *um apelo, fortalecido por todas estas conduções*, aos outros e, na posterior utilização de nossas averiguações, a nós mesmos, de se presentificar os fenômenos intencionados. Quanto mais as conduções forem numerosas e especiais, tanto mais seguramente deve ser um fenômeno determinado, característico, que aqui é intencionado. Esta presentificação *autônoma* de coisas psicológicas debaixo de indicações sempre externas é a condição sob a qual somente pode ser compreendido *absolutamente algum trabalho sobre o psicológico*.

Assim como o histologista descreve, na verdade de modo introdutório, os elementos morfológicos peculiares, porém só de tal maneira que todo outro a seguir mais facilmente tenha *que ver* por si mesmo, e como o histologista junto àqueles que querem realmente compreendê-lo, deve pressupor ou deve levar a este ver por si mesmo, assim também o fenomenólogo pode muito bem indicar várias características, diferenciações, confusões, para descrever as datidades psíquicas qualitativamente peculiares. Mas ele deve contar com o fato de que os outros não simplesmente *pensem* junto, mas que eles, na lida e conversa com doentes e em própria presentificação *vejam* junto. Este ver não é nenhum ver sensorial, mas sim um ver compreensivo. A gente tem que ter exercitado e conceituado este peculiar, irredutível, ver compreensivo, este “trazer à

datidade”<sup>6</sup>, “compreender”, “apreender”, “contemplar”, “se presentificar”, para fazer ao menos um passo avante na fenomenologia. Somente assim se pode ganhar uma crítica fecunda, que se volta tanto contra construções, como contra a infecunda e fatal negação de toda possibilidade de progresso. Quem não tem olhos para ver, não pode empreender nenhuma histologia; quem é resistente ou sem talento para presentificar o anímico e para ver de modo vivaz, não pode compreender nenhuma fenomenologia.

Esta última e irreduzível qualidade de fenômenos anímicos, que só através daquele apelo pode ser intencionalmente intencionada sob múltiplas conduções a partir de muitos lados, existe previamente já nas mais simples qualidades sensoriais, por exemplo, azul, vermelho, cor, som, como também na visão espacial, na consciência do objeto, na percepção, na representação, no pensamento etc. Nós a temos no setor da psicopatologia, por exemplo, nas pseudo-alucinações, no “*déjà vu*”, na alienação do mundo perceptivo, no vivenciar da própria duplicação, da despersonalização etc., em que, entretanto, todos estes nomes nomeiam apenas um grupo de fenômenos anímicos diferentes entre si ainda novamente segundo nuances.

Para a *presentificação* de todas estas qualidades fenomenológicas últimas nós já usamos de muitos modos expressões como *ver*, *intuir*, *ter empatia*, *compreender* e semelhantes. Com todas estas expressões é compreendida a *vivência última*, que unicamente preenche nosso conceito, que, na região psicológica é a mesma coisa que a percepção sensorial na região científica. Assim como esta percepção sensorial é despertada através da demonstração de um objeto, assim aquela presentificação compreensiva, empática, é despertada através das conduções nomeadas, da apreensão imediata dos fenômenos da expressão, do mergulhar em autodescrições. A partir deste modo de se expressar resulta já que empatia e compreensão ainda não são um fenômeno simplesmente último, mas provavelmente ainda contêm em si uma série de consistências factuais por se diferenciar. Assim como a percepção, de início, esta empatia mesma dá à fenomenologia, da qual ela é base, uma tarefa, a da investigação genética<sup>7</sup>. Ambas não nos interessam neste lugar. Aqui nós temos que apenas constatar este preenchimento de nosso saber nas vivências empáticas e compreensivas e levantar a pergunta sobre a segurança deste modo, no qual fatos nos são acessíveis. A esta pergunta, caso estas vivências possam ser reconhecidas de modo análogo às vivências de percepção como algo último, há que então se responder: os meios técnicos auxiliares para a conservação de intuições uma vez obtidas para posterior comparação e muitas outras coisas são na região das vivências de empatia para sempre tão imperfeitas, que aqui se há

de lutar com muito mais dificuldades do que na região da percepção sensorial; entretanto, segurança, por princípio, se alcança aqui através da comparação, da repetição, do reexame das vivências de empatia, das presentificações, assim como através de comparação, repetição e reexame dos resultados das ciências da natureza encontrados na percepção sensorial. Nas duas regiões reina insegurança. Que ela seja maior no lado psicológico, não há que se contestar. Mas esta é apenas uma diferença de grau.

Se nós presentificamos nossas próprias vivências anímicas do passado ou se as de outros homens, é bastante indiferente. Uma diferença significativa existe, pelo visto, somente entre observações obtidas por *auto-observação metódica experimental em vivências que persistem*<sup>8</sup> e as simples presentificações compreensivas. Para as nossas investigações de fenômenos psicopatológicos provavelmente entra em consideração quase somente as últimas, uma vez que doentes certamente podem ser trazidos a auto-observações no primeiro sentido só raramente e sob condições especialmente favoráveis em simples perturbações (percepções ilusórias em consciência refletida, agnosias, etc.). Esta presentificação compreensiva dos fenômenos dos doentes mentais tem, porém, a esperar sempre significativas promoções por conceitos, que são obtidos através de investigações fenomenológicas do primeiro modo.

Os meios da análise fenomenológica e da fixação do que os doentes realmente vivenciam são de tríplice espécie: primeiro, a imersão na conduta, no comportamento, nos *movimentos de expressão*; segundo, a *exploração* com seu interrogatório e a informação por nós conduzida dos doentes sobre si mesmos; terceiro, as *autodescrições* expostas por escrito, que raramente são boas, mas que são sempre bem preciosas e eventualmente utilizáveis, mesmo sem conhecimento pessoal do autor. Em todos estes casos nós empreendemos fenomenologia, à medida que nós com isto nos adaptamos ao anímico, e não às manifestações objetivas, as quais aqui são mais apenas pontos de passagem, apenas meios, não objeto de investigação mesmo. De valor totalmente especial, porém, são as boas *autodescrições*.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Aqui os trabalhos da escola de *Külpe* foram extraordinariamente fecundos. Todas estas coisas altamente desenvolvidas devem ser expostas de modo não detalhado aqui, onde se tem em mira somente a fixação da orientação fenomenológica enquanto tal. Cfr. de resto, para a auto-observação, *Elias Müller, Zur Analyse der Gedächtnistätigkeit und des Vorstellungsverlaufs*, Leipzig, 1911, p. 161-176.

<sup>9</sup> Nós não podemos deixar de, de modo bem especial, salientar que para a fenomenologia é de máximo valor, se tais autodescrições forem publicadas. Uma vez que especialmente doentes formados e inteligentes oferecem boas autodescrições, médicos nos sanatórios privados, que podem mais facilmente obter tais autodescrições do que médicos em sanatórios públicos, que observam quase somente doentes das camadas populares mais baixas, obteriam o máximo mérito, caso tornassem acessíveis ao público estas descrições. Trata-se provavelmente de publicar um “caso”, de muitos modos ainda insuficiente e inferior, e se carece da referência ao extraordinariamente grande valor das autodescrições, para que se torne mais usual do que até então, recolher e valorizar tais autodescrições. Eu gostaria

<sup>6</sup> Trazer os dados à primeira pessoa (N.do E.).

<sup>7</sup> A inteira literatura sobre empatia e sobre compreensão pode ser facilmente encontrada na comunicação de *Geiger: Über das Wesen und die Bedeutung der Einfühlung*, relatório sobre o IV Congresso para Psicologia Experimental, 1910.

Se buscarmos chegar mais perto da vida anímica dos doentes, através destes meios, então nós temos de início um imenso caos duradouramente fluente de fenômenos sempre alternantes diante de nós. Nossa primeira meta deve ser delimitar nisso algo de individual, presentificá-lo de todos os lados para nós mesmos e para outros, em vista de um uso duradouro e guarnece-lo com um nome necessário, constante, idêntico consigo mesmo. Os fenômenos psicopatológicos sugerem bastante tal consideração fenomenológica, isolante, abstrativa de conexões, que quer presentificar o que é dado, não compreender geneticamente, que quer somente ver, não esclarecer. Patologicamente emergem numerosos fenômenos anímicos sem condições compreensíveis, considerado do ponto de vista psicológico, emergem do nada, considerado do ponto de vista causal, causado por um processo de doença. Recordações vivazes de coisas que não foram vivenciadas, pensamentos acompanhados de uma consciência de sua correção, sem que esta consciência fosse fundada de modo compreensível (ideias dementes), humores e afetos, que emergem de modo totalmente espontâneo sem vivências ou pensamentos que sirvam de base, e muitas outras coisas são manifestações frequentes. Estas são o objeto de investigação fenomenológica, que fixa e presentifica como elas são propriamente. Três grupos de fenômenos hão de ser obtidos deste modo. Os primeiros são *conhecidos* por nós todos como fenômenos *em vivência própria*. Eles apresentam as mesmas qualidades que os correspondentes processos anímicos, condicionados de modo normalmente compreensível. Somente pela sua gênese é que se diferenciam os fenômenos de resto plenamente iguais dos doentes, por exemplo, muitas falsificações da recordação. Os segundos são para ser por nós apreendidos como *aumentos, reduções ou misturas de fenômenos vivenciados em primeira pessoa*, por exemplo, a feliz comoção de muitas psicoses agudas, as pseudo-alucinações, as emoções instintivas perversas. Até que ponto aqui nosso presentificar compreensivo vai, mesmo sem o fundamento de vivências próprias conscientes de semelhante orientação, esta é uma pergunta que não é para se responder definitivamente. Muitas vezes parece como se nosso compreender ultrapassasse amplamente a possibilidade de vivências

---

de expressar o meu pedido, de que os leitores destas linhas, que estão em posse de boas autodescrições – ou seja, de tais autodescrições que põem diante dos olhos de modo visível fenômenos anímicos realmente vivenciados –, que as publiquem, ou, no caso de não se decidirem por isso, que me cedam para conhecimento e eventual aproveitamento. Para leitores interessados nesta perspectiva eu cito algumas das melhores autodescrições publicadas até aqui. Não são muitas: Schreber, *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken*, Leipzig 1903. – Th. De Quincey, *Bekenntnisse eines opiummessers*, em alemão, Stuttgart 1886. Gerard de Nerval, *Aurelia*, em alemão, München 1910 (entretanto, formado literariamente). – J. J. David, *Halluzinationen, Die neue Rundschau* 17, 874. Wollny, *Erklärungen der Tollheit von Haslam*, Leipzig 1889. – Kandinsky, *Zur Lehre von den Halluzinationen*, *Archiv f. Psych.* 11, 453. – *Die Kranken von Forel*, *Archiv f. Psych.* 34, 960. – *Klinke*, *Jahrb. F. Psych.* 9. – Kieser, *Allgem. Zeitschr.* 10, 423. – Engelken, *ebenda* 6, 586. – Meinert, *Alkoholwahnsinnig*, Dresden 1907.

próprias também apenas semelhantes. O terceiro grupo de fenômenos doentios é distinguido em relação a estes últimos pela *plena inacessibilidade para um presentificar compreensivo*. Nós os compreendemos melhor apenas por meio de analogias e imagens. E nós os notamos em caso isolado não através do compreender positivo, mas através do golpe que o andamento de nosso compreender experimenta por este algo de incompreensível. Podem fazer parte disso, por exemplo, todos os pensamentos “afetados”, humores “afetados” etc., que muitos doentes sem dúvida relatam como vivências, que nós, porém, identificamos sempre apenas através destas ou de semelhantes expressões e através de uma série de averiguações do que não se trata. Muitos doentes que em sua psicose ainda têm uma consciência de vida anímica normal reconhecem mesmo a impossibilidade de descrever suas vivências na linguagem costumeira. Um doente explicava “que nisso se trata em parte de coisas que absolutamente não se deixam expressar em linguagem humana... para tornar compreensível em certa medida eu terei de falar muito em imagens e comparações, que talvez acertem só aproximadamente; pois a comparação com fatos conhecidos da experiência humana é o único caminho... (em outro lugar) acrescesse a consideração de que nisso em grande parte se trata de visões cujas *imagens* eu na verdade tenho na cabeça, cuja descrição em *palavras*, porém, é extraordinariamente difícil, em parte é francamente impossível”. Alguns – não muitos – dos neologismos de doentes baseiam-se em tais denominações de vivências totalmente próprias. Um doente procurava descrever mais aproximadamente uma sensação nos quadris quando respondeu assim a uma pergunta se eram contrações: “não, não são contrações (*Zuckungen*), são ‘*Zoppungen*’”<sup>10</sup>.

A psiquiatria desde o início trabalhou nesta direção da delimitação e denominação de formas individuais de vivências, ela não pôde nunca naturalmente dar sequer um passo sem tal fixação fenomenológica. Foi assim que ideias dementes, ilusões sensoriais, afetos depressivos e expansivos e outras coisas do gênero foram descritas. Tudo isso permanecerá como base para ulteriores fixações fenomenológicas. Mas frequentemente tem que ser purificado do peso morto das ponderações teóricas sobre as bases corporais e sobre as conexões anímicas construídas. Numerosos pontos de partida fenomenológicos foram logo a seguir asfixiados por estes esforços teóricos. Agora também nós não vamos mais nos dar por satisfeitos com um punhado de escassas categorias, mas vamos nos doar sem pressuposições aos fenômenos, e onde nós vemos um fenômeno, buscar presentificá-lo totalmente para nós, sem pretensamente já saber de antemão, com nossos conhecimentos psicológicos, o que ele é. A classificação corrente dos sintomas do estar enganado em ilusões sensoriais e ideias dementes é, em verdade,

<sup>10</sup> Expressão de variação linguística, trocadilho, algo como “não é uma *puxada*, é uma *pluxada*” (N. do E.).

útil como tópico, mas nestas designações se mete ainda uma quantidade que não se pode abranger com a vista de fenômenos totalmente diversos. Alguns exemplos devem fazer intuir quais fenômenos devem ser aproximadamente fixados. a) Kandinsky descrevia as *pseudo-alucinações*, uma certa espécie de representações patológicas. Elas se diferenciam das representações normais por meio de grande certeza sensível, nitidez, detalhamento, por meio de um entrar em cena independente da, e contra a vontade, por conseguinte, por meio da vivência da passividade e receptividade. Das percepções ilusórias como das percepções normais elas se diferenciam, porém, por meio do seu entrar em cena não no espaço exterior ao mesmo tempo com as percepções, mas no espaço interior, no qual nós também vemos as representações diante de nós. Atacou-se estas pseudo-alucinações com dúvidas teóricas. Entretanto, trata-se de, exclusivamente, um problema fenomenológico, descritivo. Pode-se presentificar fenomenologicamente de outra maneira os casos descritos, talvez de modo mais evidente. Para isso, pode-se recorrer a outros casos (autodescrições, resultados de explorações), mas somente se há de refutar Kandinsky por meio de tais presentificações intuitivas, nunca por meio de ponderações teóricas. A consciência da autonomia da tarefa fenomenológica se preserva aqui das críticas inteiramente mal compreendidas e, por conseguinte, infrutuosas. b) Doentes vivenciam não raramente um fenômeno, no qual de maneira insistente se lhes torna consciente que alguém está atrás deles ou sobre eles. Este alguém gira com eles, se eles olham ao redor. Eles o “sentem”, há alguém “realmente” aí. Mas eles não sentem nenhum toque, eles não sentem absolutamente nada, eles também não podem chegar a vê-lo. Apesar disso, muitos doentes jogam: não há ninguém aí, outros são convictos da existência deste alguém, de cuja presença eles estão conscientes de tal modo como se estivesse aí em carne e osso. Manifestamente trata-se aqui não de ilusões sensoriais, à medida que falta o elemento sensível, trata-se não de ideias dementes, à medida que uma vivência é dada como ocorrente, a qual somente no juízo é elaborada de modo correto ou demente<sup>11</sup>. c) Ainda, um terceiro exemplo, do reino dos sentimentos, deve tornar visível, que se chega a uma presentificação e determinação de tais fenômenos, que de início simplesmente são enfileirados um após o outro, por meio de um mero imergir nos fenômenos singulares sem sistema e sem teoria. Fala-se de sentimentos extáticos. Nestes a gente pode diferenciar rapidamente, se não diversos fenômenos, diversas nuances – naturalmente não se trata de saber aqui da correção dos exemplos singulares. Encontra-se em primeiro lugar um entusiasmo geral, comoção, emoção acima de todo o possível, em segundo lugar uma profunda felicidade interior, que aqui e lá gera a partir de si uma representação

que torna feliz, em terceiro lugar um sentimento de feliz exaltação e agraciamento, de santificação e de grande significação. Tais e semelhantes diferenciações, que se não de fazer rapidamente, necessitam, se elas devem ter valor, do acabamento fenomenológico, respectivamente, da retificação e da fixação fenomenológica.

Nós conhecemos agora os *meios* da fenomenologia psicopatológica (movimentos de expressão, exploração, autodescrições) e os caminhos do *conduzir* para a própria presentificação (gênese, condições e constelações do entrar em cena dos fenômenos, conteúdo dos mesmos, elementos fenomenológicos já conhecidos que ocorrem neles, indicações simbólicas, etc.). E nós sabemos que, finalmente, resta somente o *apelo* aos outros, de trazerem para si o fenômeno à própria presentificação, sob a consideração de tudo o que foi alegado. Em um trabalho fenomenológico irão ocorrer, por conseguinte, casos singulares, dos quais sucedem descrições gerais obtidas, e estabelecimento de nomenclatura. Que a fenomenologia propriamente nomeie o que é dado simples e imediatamente, não é nenhuma objeção, mas somente a constatação de um fato. Só que é sempre difícil de obter o caminho que, num único caso, pode conduzir a um entendimento mais geral, bem como a completude relativa da delimitação fenomenológica. Nisso há que se considerar que a vivência de um único doente é sempre infinita na variedade; que a fenomenologia, porém, vai tirar daí somente algo de geral, algo que na vivência de outro caso se dá do mesmo modo, e que nós, por isso, chamamos de o mesmo caso, enquanto aquela infinitude do individual sempre muda. Persiste, portanto, a situação de que a fenomenologia, de um lado, abstrai de uma infinidade de partes constitutivas em mudança, de outro lado, não está inteiramente voltada para um algo abstrato, mas para um algo plenamente intuível. Somente à medida que algo é para ser trazido a uma datidade real, imediata, ou seja, à medida que algo é intuitivo, é que é objeto da fenomenologia.

Ponhamos o caso de que através das delimitações fenomenológicas descritas uma série de fenômenos possam ser em geral presentificados e tornados conscientes. Nós chegamos agora, ao que parece pela segunda vez, diante de um novo caos dos inúmeros fenômenos designados, os quais ainda não satisfazem plenamente nossa necessidade científica. Para se conseguir a *delimitação* dos fenômenos individuais é preciso que venha a *ordenação*, a fim de que a multiplicidade do anímico se torne metodicamente consciente e notável até aos limites que a cada vez são alcançáveis. A gente pode ordenar os fenômenos de modo bem diverso, dependendo do objetivo, que se tem exatamente. Por exemplo, a gente pode ordenar segundo a gênese, segundo eventuais condições corporais, segundo os conteúdos, segundo o significado, que os fenômenos têm sob qualquer ponto de vista que seja (aproximadamente, como fenômeno lógico, ético, estético do anímico). A gente vai dar a todos estes princípios de ordenação, a

<sup>11</sup> Estes fenômenos e semelhantes eu descreverei em breve em outro lugar, com base em casos, como “consciencialidades reais”.

cada um em seu lugar, o seu direito. Para a fenomenologia mesma eles são pouco satisfatórios. Aqui nós buscamos por uma ordem, que ponha os fenômenos anímicos um ao lado do outro segundo o seu *parentesco fenomenológico*, assim como, aproximadamente, as infinitamente numerosas cores são fenomenologicamente, de modo satisfatório, tornadas passíveis de serem abrangidas com a vista no círculo das cores, respectivamente, na esfera das cores. Agora, se se põe em relevo que na situação atual da fenomenologia há uma série de grupos de manifestações, entre as quais nenhum parentesco é observável: sensações dos sentidos e pensamentos, percepções ilusórias e juízos dementes são separados por um *abismo*, são fenômenos que de modo algum são ligados por *passagens*. Tais fenômenos nada aparentados deixam-se somente pôr um ao lado do outro, não se deixam ordenar ulteriormente. Em que medida estas separações finalmente serão reduzidas a uma ou poucas diferenças fundamentais dentro do anímico, não se deixa ainda notar.

Em contraposição aos fenômenos totalmente separados do outro lado estão grupos de manifestações notadamente ordenadas, aparentadas. Entre estas costuma haver então também passagens, como entre cores. Um exemplo<sup>12</sup> de tal ordenação de fenômenos aparentados em uma visão panorâmica são as *pseudo-alucinações*. Numa consideração mais aproximada de casos individuais mostra-se que há passagens entre representações normais e pseudo-alucinações totalmente formadas (as quais nunca são dadas em carne e osso e permanecem sempre no interior, no espaço das representações). Para tornar notável isso, dá certo descobrir quatro *oposições principais*, entre as quais estes fenômenos podem oscilar em uma série de passagens. Se nós descrevermos aproximadamente o lugar em cada uma destas séries, então nós teremos caracterizado fenomenologicamente de modo satisfatório o fenômeno especial, que fica entre representação e pseudo-alucinação. Estas quatro oposições são:

Pseudo-alucinações formadas	Representações normais
1. Têm um desenho determinado, estão plenamente, com todos os detalhes, diante de nós.	1. Têm um desenho indeterminado, estão diante de nós de modo incompleto e somente em detalhes individuais.
2. Têm, no tocante aos elementos da sensação, a plena adequação para com as percepções correspondentes.	2. Têm esta adequação só em pouquíssimos elementos da sensação ou de modo algum, por exemplo, em uma representação visual tudo é cinzento.
3. São constantes e podem facilmente ser seguradas do mesmo modo.	3. Flutuam e diluem-se e têm que ser sempre de novo produzidas.
4. São independentes do querer, não podem ser provocadas e alteradas arbitrariamente. Elas são tomadas com o sentimento da passividade e receptividade.	4. São dependentes do querer, podem ser arbitrariamente provocadas e alteradas. Elas são produzidas com o sentimento da atividade.

<sup>12</sup> Novamente não me interessa aqui se precisamente o exemplo escolhido é correto. Ele deve apenas servir para intuir o objetivo.

Este exemplo, em cujos pormenores nós neste lugar não entramos, mostra como aproximadamente dá certo, agrupar fenômenos aparentados de modo puramente fenomenológico, à medida que *somente os lados destes fenômenos realmente vivenciados* dão pontos de vista de classificação, enquanto o que é acrescentado com o pensamento, o teórico, permanece ainda bem distante. Ao mesmo tempo, resulta das exposições, quão importante é, para dizer com uma palavra de efeito, *diferenciar as passagens fenomenológicas dos abismos fenomenológicos*. As primeiras permitem ordenações fenomenológicas, os últimos permitem somente pares de oposição ou enumerações. Com isto é ao mesmo tempo natural, que a gente só dificilmente e só com presentificação intuitiva se decida pelo reconhecimento de um grupo fenomenologicamente novo de fenômenos, que é separado por um abismo dos de até agora. Apesar disso, na situação atual, em que muitos querem reduzir todo anímico, à medida do possível, a poucas qualidades simples, é melhor admitir alguns fenômenos a mais, que então, no entanto, a gente logo venha a classificar, do que decair na superficialidade de um sistema psicológico construído a partir de poucos elementos.

É que, enquanto o ideal da fenomenologia é uma *infinidade ordenada notável de qualidades anímicas irreductíveis*, há, em oposição a este, outro ideal, o ideal de *o menos possível de últimos elementos*, como aproximadamente a química os possui. Das combinações destes últimos elementos devem ser derivados todos os fenômenos anímicos mais complicados, através da análise de tais elementos todos os fenômenos anímicos devem ser expostos de modo satisfatório. Por fim, tal concepção pode em sua consequência não ter por sem sentido, satisfazer-se com um único último átomo da alma, a partir do qual, em diferentes composições, se construa todo o anímico. Este ideal orientado pela ciência da natureza tem certamente um sentido para a gênese das qualidades anímicas. Assim como as cores infinitamente variadas são geneticamente reduzidas a diversas oscilações meramente quantitativas, pode-se desejar esclarecer geneticamente outras qualidades anímicas e então, talvez, sob este ponto de vista, ordenar também de outra forma. Mas para a fenomenologia mesma tal exigência parece totalmente sem sentido. A análise fenomenológica tem por meta, tornar-se consciente dos fenômenos anímicos através de clara delimitação. Nisso, ela procede, *entre outras coisas*, também de modo a mostrar qualidades anímicas, que ocorrem como partes no que é diretamente intencionado. Esta decomposição de figuras complexas em tais partes, que é *só um* caminho, é tida como a *única* análise por aquela visão calculada propriamente, pura e simplesmente para a gênese. Para ela, por exemplo, a percepção seria esclarecida por meio de decomposição em elementos de sensação, intuição espacial e ato intencional, enquanto a verdadeira fenomenologia, entretanto, primeiramente por meio de comparação com a represen-



tação, que é construída a partir dos mesmos elementos, com o juízo e outras coisas, chega a uma caracterização da percepção enquanto uma qualidade anímica irreduzível. Se, por conseguinte, provavelmente, às vezes dá certo, para a concepção da “*análise em últimos elementos*”, de se fazer passar por livre de pontos de vista genéticos e por puramente fenomenológica, do mesmo modo que a concepção da “*análise enquanto delimitação de últimas qualidades*”, então ela, no entanto, em cada oportunidade, recai na confusão com a consideração genética: surgem para ela de novo então, a partir dos elementos que comparecem juntos, as figuras complexas. Em oposição a estas concepções a fenomenologia nem mesmo tem o ideal do mínimo possível de elementos últimos. Ao contrário, ela não quer restringir a infinitude de fenômenos anímicos, mas quer, à medida que isto lhe diz respeito – isto é naturalmente uma tarefa infinita – fazê-la *notável*, fazê-la *nitidamente consciente* para si e *reconhecível* nos particulares.

Nós expomos, ainda que seja somente nos traços maiores, a meta e o método da fenomenologia, da fenomenologia, que, na verdade, sempre foi empreendida, mas que nunca veio direito a um desenvolvimento sem freios. Uma vez que a mistura com outras tarefas de pesquisa era sempre seu dano principal, nós queremos ainda enumerar brevemente, o que a fenomenologia não quer e com o que ela não pode ser confundida.

A fenomenologia tem a ver somente com o que é vivenciado realmente, somente com o que é passível de ser intuído, não com quaisquer coisas, que são *pensadas como estando à base* do anímico, que são *construídas teoricamente*. Em todas as suas afirmações ela tem que perguntar: isto é também realmente vivenciado? Isto é dado também realmente na consciência? Suas afirmações têm sua segurança pelo fato de que a presentificação da realidade anímica sempre de novo dá certo, elas só podem ser refutadas pelo fato de as consistências factuais até então falsamente presentificadas serem corretamente presentificadas, não pelo fato de, a partir de algumas proposições teóricas, ser demonstrada a impossibilidade ou a diversidade. Fenomenologia não pode ganhar nada com teoria, no máximo, pode perder. A correção da presentificação individual não é para ser controlada segundo critérios gerais. Ela deve achar seu critério sempre em si mesma.

A fenomenologia tem a ver com o realmente vivenciado. Ela olha o anímico “de dentro” em imediata presentificação. Ela não tem então a ver com a investigação das *manifestações que se põem para fora*, com os fenômenos motores, com os movimentos de expressão enquanto tais, com as atividades objetivas. Em que medida movimentos de expressão e autodescrições não são objeto, mas meio da fenomenologia, já foi exposto acima.

A fenomenologia, além disso, *não* tem a ver com gênese de fenômenos anímicos. Ela é somente pré-condição para tal investigação genética, porém, ainda, ela mesma

a deixa inteiramente de lado e não pode ser refutada e nem promovida por ela. A investigação do surgimento das cores, da percepção etc. é inteiramente estranha à fenomenologia. Muito especialmente, tais investigações genéticas factuais lhe foram menos perigosas do que as “mitologias do cérebro”, que interpretaram e substituíram a fenomenologia por construções de processos cerebrais fisiológicos e patológicos. Wernicke, que fez constatações fenomenológicas significativas, as desfigurou com tais interpretações em termos de “fios associativos”, de junção e coisas do gênero. Estas construções costumam não deixar que as investigações fenomenológicas cheguem ao fim. De início, na verdade, elas forçosamente empreendem fenomenologia, mas se chegam à sua teoria, elas sentem chão seguro e, em estranho desconhecimento de suas próprias fontes, acham o fenomenológico “subjetivo”.

Finalmente, há que se *separar* também consideração fenomenológica de *compreensão genética de processos anímicos*, desta compreensão peculiar, aplicável somente ao anímico, para a qual o anímico “provém” com evidência do anímico, para a qual é óbvio que o atacado se torna irado, o namorado enganado, ciumento. Tanto na presentificação fenomenológica quanto nesta apreensão do provir-um-do-outro nós falamos de “compreender”. Para evitar confusões, chamamos de *compreensão estática* o compreender fenomenológico dos estados anímicos, que apreende somente as datidades, vivências, modos de consciência e que é somente a base de seu delimitar e caracterizar. O compreender conexões de vivências anímicas, a proveniência do anímico a partir do anímico chamamos de *compreensão genética*. Embora a fenomenologia não tenha a ver com esta compreensão genética, antes, tenha de ser tratada de modo totalmente separado, no entanto, eventualmente, ela tem por objeto *sequências regulares* do anímico, que na realidade são vivenciadas e que juntas formam uma unidade fenomenológica peculiar. Um exemplo para isso talvez seja a vivência volitiva. Esta sequência fenomenológica é coisa bem diferente de um *provir-um-do-outro compreendido*. Nós delimitamos a fenomenologia ao compreensível estático.

É óbvio que nós, se encararmos a psicopatologia como um todo, encontramos nosso interesse próprio no compreensível genético, em relações de dependência que se dão fora da consciência, na constatação de causas corporais de processos anímicos, numa palavra, nas conexões. A fenomenologia somente nos ensina a conhecer as formas, nas quais todo vivenciar, todo anímico real-efetivo acontece, ela nos ensina a conhecer não o conteúdo da vivência pessoal particular e nem as bases que se dão fora da consciência, sobre as quais este anímico flutua como a espuma sobre o mar como uma delgada superfície. Penetrar nas profundezas disso que se dá fora da consciência, vai ser sempre mais excitante, por causa das conexões conhecidas, do que fazer puras constatações fenomenológicas, cuja exata execução, no

entanto, é a pré-condição para todas as ulteriores investigações. Só nas formas encontradas fenomenologicamente se passa a *vida anímica real* acessível à nossa apreensão imediata, afinal, nós somente investigamos todas as conexões que se dão fora da consciência para compreender essa.

Para concluir indicamos ainda *tarefas singulares* da fenomenologia. Não existe absolutamente nenhum setor da fenomenologia psicopatológica, que esteja pronto. Mesmo ali onde um fenômeno é intuitivamente claro, como em vários tipos de percepções ilusórias, a boa casuística, que pode servir como prova empírica, é tão escassa, que casos cuidadosamente descritos são sempre ainda de grande valor. No tocante aos tipos de percepções ilusórias, que especialmente em relação aos sentidos superiores são para se investigar com êxito, ainda há muito que se fazer. Basta pensar somente na questão das ilusões visuais no espaço objetivo ao mesmo tempo com percepções reais. A fenomenologia das vivências de demência quase não foi empreendida. O que existe sobre isto, encontra-se nos trabalhos sobre sentimentos como primeiro sintoma da paranoia. A fenomenologia dos sentimentos patológicos é incrivelmente pobre. O melhor é para se encontrar nos trabalhos insígnies de Janet, nos quais, porém, se dá pouco valor para a cuidadosa delimitação e ordenação<sup>13</sup>. A consciência da personalidade foi trabalhada sistematicamente por Österreich. Para estes problemas, as descrições fenomenológicas de psiquiatras, que têm o material em mãos, e autodescrições, que são mais pormenorizadas do que as de até agora, teriam grande valor.

Na histologia é exigido que, na investigação do cérebro, se deveria prestar conta de cada fiozinho, de cada grãozinho. De modo totalmente analógico, a fenomenologia exige: *deve-se prestar conta de cada fenômeno anímico, de cada vivência, que vem à luz na exploração dos doentes e nas suas autodescrições*. De modo algum a gente deve se dar por satisfeito com a impressão global e com alguns detalhes que são buscados “ad hoc”, mas a gente deve saber de cada particularidade, como a gente há de apreendê-la e apreciá-la. Caso a gente proceda deste modo por algum tempo, então, por um lado, muita coisa vai se tornar menos maravilhosa para a gente: o que a gente frequentemente via, e aquilo de que aquele que só trabalha com a impressão global não se tornou consciente, e o que ele, a cada vez, segundo a direção momentânea de sua capacidade de impressão, acha sempre de novo admirável e acha que nunca estava presente; por outro lado, porém, se a gente presta atenção ao que é realmente desconhecido para alguém, então a gente cai em fundada admiração. Não há nenhum perigo de que esta admiração cesse a cada vez.

<sup>13</sup> A ampliação da fenomenologia dos sentimentos haverá de ter em consideração antes de tudo os trabalhos de Geiger: *Das Bewusstsein von Gefühlen, Münchener Philosoph. Abhandl., Th. Lipps zu seinem 60. Geburtstag gewidmet, und: Zum Problem der Stimmungseinführung, Zeitschr. f. Ästhetik 6, 1. 1911.*

É evidente, que muitos psiquiatras já procedem totalmente assim e que sintam com razão como uma presunção, caso com isso algo de novo devesse ser dito a eles. Mas a atitude fenomenológica absolutamente não está propagada a tal ponto, que a gente não devesse promovê-la sempre de novo. Pode-se esperar que dela ainda resultem preciosos enriquecimentos do conhecimento daquilo que os doentes *realmente vivenciam*.

---

### Nota Biográfica

**Karl Jaspers** (1883-1969), médico-psiquiatra e filósofo alemão, nascido em Oldemburg (23 de fevereiro) e falecido na Basiléia (26 de fevereiro), foi importante pensador do movimento fenomenológico e existencial. Após seus estudos de Medicina, tendo obtido seu doutorado em 1909, passa a trabalhar na Clínica Psiquiátrica de Heidelberg, que havia sido dirigida por Emil Kraepelin. Insatisfeito com a forma de se considerar a doença mental, à sua época, procura elaborar novas perspectivas para seu trabalho de psiquiatra. Encontra na Fenomenologia um suporte teórico e metodológico para sua guinada, publicando em 1913 seu mais famoso trabalho, *Allgemeine Psychopathologie* (“Psicopatologia Geral”). Seu pensamento, contudo, para além da psiquiatria e da psicopatologia, toca diversas questões filosóficas, teológicas e sociais. Principais Obras: *Allgemeine Psychopathologie* (“Psicopatologia Geral”, 1913); *Psychologie der Weltanschauungen* (1919); *Philosophie* (1932); *Von Ursprung und Ziel des Geschichte* (1949); *Strindberg und Van Gogh* (1949); *Die Atombombe und die Zukunft des Menschen* (1958).

**Tradução:** Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes (*Universidade de Brasília*)

---